

Reflexões sobre as implicações do conceito de liberdade em Erich Fromm

André de Melo Santos *

Resumo: Erich Fromm foi um psicanalista que participou da formação da Escola de Frankfurt com o projeto de unir o materialismo histórico de Marx à psicanálise de Freud. Dentre os conceitos abordados por ele, o da liberdade é um dos fundamentais, ao postular a diferença entre a “liberdade de” e a “liberdade para”, sendo a primeira a liberdade existente na sociedade capitalista, uma pseudo-liberdade, e a segunda seria a realização da liberdade no sentido positivo. Contudo, devido ao seu humanismo abstrato e não perceber o papel da luta de classes no sentido da superação do capitalismo, elabora uma crítica contundente dessa sociedade, que, no entanto, se torna limitada.

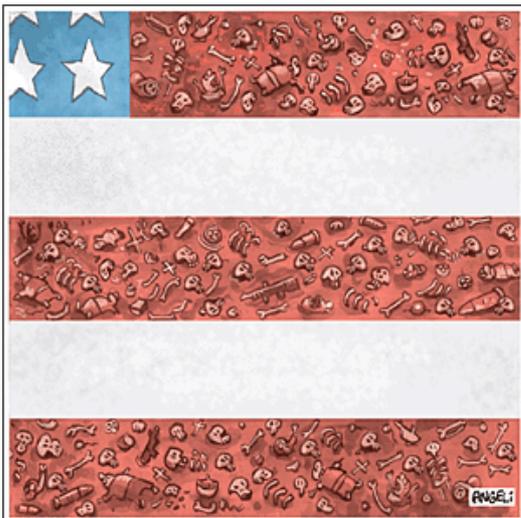
Palavras-chave: Fromm, liberdade, humanismo, psicanálise, marxismo.

Abstract: Erich Fromm was a psychoanalyst who participated of the formation of the School of Frankfurt with the project to join the historical materialism of Marx to the psychoanalysis of Freud. Amongst the boarded concepts for it, of the freedom he is one of the basic ones, when claiming the difference enters the “freedom of” and the “freedom for”, being the first a existing freedom in the capitalist society, a pseudo-freedom, and second it would be the accomplishment of the freedom in the positive direction. However, had to its abstract humanism and not to perceive the paper of the fight of classrooms in the direction of the overcoming of the capitalism, a forceful one of this society elaborates critical, that, however, if becomes limited.

Key words: Fromm, freedom, humanism, psychoanalysis, marxism.



* ANDRÉ DE MELO SANTOS é especialista em Ciência Política pela Universidade Estadual de Goiás (UEG).



Erich Fromm foi um psicanalista que participou da formação da Escola de Frankfurt com o projeto de unir o materialismo histórico de Marx à psicanálise de Freud, o freudo-marxismo que agrupa inúmeros psicanalistas e pensadores, teve uma grande contribuição na crítica da sociedade capitalista. Dentre os conceitos abordados por ele, o da liberdade é um dos fundamentais na sua obra, pois para ele contém uma diferença entre a “liberdade de” e a “liberdade para”, sendo a primeira a liberdade existente também na sociedade capitalista que segundo o autor uma pseudo-liberdade, e a segunda seria a realização da liberdade no sentido do homem se livrar das ideologias que o aprisionaram ao longo da história, bem como na sociedade capitalista.

Contudo, o autor devido ao seu humanismo abstrato, tendência que se assemelha a uma solidariedade com as classes exploradas e, não perceber que o fundamental é lutar pela transformação social e que a superação dos males dessa sociedade passam necessariamente pela superação da sociedade capitalista, elabora uma crítica bem fundamentada dessa sociedade, que, por não ir à questão

fundamental, acaba desembocando num reformismo tal como mostraremos no presente texto. Resgatar esse conceito de liberdade pensado por ele e avançar no que supomos ser o essencial para ampliar a discussão iniciada por ele, é a proposta desse trabalho.

Como que essa concepção de liberdade foi produzida? Segundo Fromm o renascimento e o surgimento do capitalismo foram determinantes para o surgimento da sociedade e o homem modernos, pois estes processos contribuíram para desagregar a sociedade feudal. No feudalismo como sabemos as classes eram fixas, não existia mobilidade, e a Igreja exercia um controle total sobre a sociedade. Com o surgimento do capitalismo isto começou a mudar, e as antigas estruturas firmes foram ruindo até chegarmos a moderna sociedade capitalista.

Do ponto de vista pessoal, o importante foi segundo Fromm, o aparecimento da noção de indivíduo, ocorreu devido a influência do nascente capitalismo, algo novo na história, e influência do renascimento que rompia com a hegemonia da Igreja e buscava inspiração na antiguidade clássica. O capitalismo com suas relações de trabalho assalariadas diferente da servidão da sociedade feudal prometia no horizonte uma sociedade mais justa, onde o homem tivesse condições de determinar os destinos de sua existência. Mas, como Marx (1998) colocava, a sociedade capitalista é marcada pela contradição, a luta de classes, agora o homem é livre, mas livre para vender sua força de trabalho, a única mercadoria que lhe restou, visto que a burguesia foi garantindo seus privilégios até atingir totalmente o poder no século XIX. Por isso a liberdade na sociedade capitalista não

passa de uma ilusão, visto que a grande maioria da população vive explorada embora o sistema tenha criado ao longo dos anos ideologias, entendidas como falsa consciência, que justificaram a exploração e garantiram a manutenção da sociedade.

O pensamento de Fromm se baseia nas teses extraídas da psicanálise e do marxismo, deste, basicamente o materialismo histórico explica a história a partir das condições materiais de existência, estas formam a infraestrutura das sociedades, acima dela existem as formas de regularização (Viana, 2007), como até hoje todas as sociedades existentes se fundaram na exploração de uma classe sobre as outras, devido a luta de classes, a classe dominante para se manter as custas das outras aliena estas das suas condições de trabalho, e cria ideologias, no sentido da falsa consciência, justificando a exploração diante das classes dominadas.

A grande contribuição do marxismo foi desmascarar os mecanismos da sociedade capitalista. Porém era necessário compreender como que essas ideologias se propagam na mentalidade dos indivíduos daí que as teorias psicanalíticas que estavam surgindo no fim do século XIX encontraram uma grande aceitação nos meios acadêmicos. Freud, o fundador da psicanálise, teve como principal contribuição o conceito de inconsciente. Segundo Fromm (1980),

Freud foi o primeiro a fazer dessa descoberta o centro do seu sistema psicológico e a investigar os fenômenos inconscientes no maior detalhe e com surpreendentes resultados. Basicamente, Freud lidou com uma discrepância entre pensar e ser (p. 25).

Logo constatou que os instintos

reprimidos exerciam uma grande influência na vida psíquica do indivíduo. Para Freud, o homem precisa reprimir seus instintos para viver em sociedade, pois seguindo seus instintos ou suas paixões o homem seria anti-social, desta forma a sociedade refreia estes instintos. A corrente do freudo-marxismo surgiu na Alemanha na primeira metade do século XX, inicialmente, algumas tendências estavam preocupados com a ascensão do nazismo ao poder naquele país. Para Marx, a revolução socialista ocorreria nos países de capitalismo avançado, e com as fracassadas tentativas de revolução na Europa, como na Alemanha, e a ascensão de um regime de extrema direita surgiu a necessidade de juntar as críticas da sociedade capitalista elaboradas pelo marxismo com as teorias psicanalíticas, para explicar esse fenômeno.

Neste contexto começa a emergir o pensamento de Erich Fromm, que na sua obra “*Medo à Liberdade*”, parte da tese de que o homem moderno não alcançou a liberdade na acepção positiva do seu eu individual. O que vem a ser isso: na sociedade medieval existia um sistema de pensamento fechado, articulado no qual o indivíduo estava integrado com o meio que lhe proporcionava uma relativa estabilidade, diferente da sociedade capitalista quando aparece o “indivíduo” emancipado, pois alterou-se a estrutura das classes, iniciando o que Marx denominou a luta entre o proletariado e a burguesia (Marx 1998). Na sociedade moderna, ao contrário da feudal, o trabalho passa a ser livre, não fica mais preso ao senhor feudal. Contudo essa liberdade é aparente e mascara a exploração que existe na base do sistema. Assim o trabalhador é livre para vender sua força de trabalho pois é a única mercadoria que dispõe e é

obrigado a vendê-la para sobreviver.

Segundo Fromm (1978) "*a liberdade, não obstante de haver-lhe proporcionado independência e racionalidade, fez com que ele ficasse sozinho e, por conseguinte, angustiado e impotente*(p 10). Assim para uma classe da sociedade contemporânea, o proletário, acaba se submetendo a exploração e esta o impede de conquistar sua verdadeira liberdade. Para garantir a continuidade do sistema e sua hegemonia, a burguesia se utiliza de ideologias, entendidas como falsa consciência.

O que Fromm identifica como "liberdade de", que é a forma como a liberdade é exercida na sociedade capitalista, ou seja, com restrições que geralmente são ocultas, o que dificulta a sua percepção pelos indivíduos. Para exemplificar, podemos tomar o caso da democracia moderna, o Estado representa os interesses da classe dominante, mas utiliza o processo democrático para promover uma ilusória participação popular, inclusive argumentando que outras classes participam do processo eleitoral, mas como colocou Viana (2003) criam-se mecanismos que restringem a participação destas, e a própria hegemonia exercida pelos meios de comunicação dificulta a grupos que se opõe ao sistema poderem divulgar suas ideias, junto a isso a alienação da maioria da população, visto que com a burocratização de partidos e sindicatos estes passam a defender seus privilégios obtidos com cargos na burocracia estatal, e passam ocultamente a defender a manutenção do sistema capitalista.

Contrapondo-se a "liberdade de" Fromm sugere a "liberdade para", que seria exercer a liberdade no sentido positivo. Isto é, para o autor trata-se da

liberdade na qual, para o homem o fundamental, é a busca suas potencialidades humanas, e ser independente. Segundo Fromm (apud. Evans 1966),

defino independência aqui no sentido que Marx a definiu, como do homem dever sua existência a si mesmo não apenas materialmente, mas também emocional e intelectualmente.(p 35).

Trata-se, portanto, de um tipo de caráter de orientação produtiva, que vive em harmonia com os outros homens e busca o bem estar individual e conseqüentemente coletivo. Para o autor, a "liberdade para" seria o caminho da conscientização, para seguir a voz da razão, contra as paixões irracionais. Neste sentido, haveria conscientização, que, segundo Fromm (1970b)

significa que a pessoa torna seu aquilo que aprende, através da experiência, sentido por si mesma, observando outros e, adquirindo uma convicção em vez de ter uma opinião irresponsável (p. 149).

Porém, diante das críticas que foram apresentadas pelo próprio autor, esse conceito de conscientização fica irrealizável, salvo alguns indivíduos, mas que dificilmente se aplica a toda sociedade. Por fim, a "liberdade para" esbarra nos fundamentos da sociedade capitalista que é a exploração do homem pelo homem, ou de uma classe, a burguesia, sobre o proletariado.

Da forma como foi construído o conceito de "liberdade para", ele direciona-se para uma transformação social, ou seja a superação do capitalismo, mas o autor não percebe isso, daí sua obra ser alvo de críticas de outros autores ligados ao marxismo. Segundo demonstra Marcuse (1968),

a teoria psicanalítica converte-se

numa ideologia: a personalidade e suas potencialidades criadoras ressurgem em face de uma realidade que por pouco eliminara as condições para a personalidade e sua plena realização (p. 206).

Porém, Marcuse, segundo Viana (2008), insere Fromm no que ele denomina corrente culturalista da psicanálise, sem observar que a obra de Fromm teve momentos em que avançou na radicalidade como em diversas obras faz críticas ao socialismo implantado na Rússia que ele denomina Capitalismo de Estado, um regime em que a exploração é conduzida pela burocracia estatal.

Os autores que se originaram da Escola de Frankfurt elaboram críticas muito pertinentes sobre os mecanismos de funcionamento da sociedade capitalista, segundo Cleaver (1981)

apesar da originalidade e utilidade de sua pesquisa dos mecanismos da dominação capitalista, nas esferas econômica e cultural, e na verdade precisamente na formulação desses mecanismos como unilateralmente hegemônicos, os teóricos críticos continuaram cegos a capacidade que tem as lutas da classe operária de transformar e ameaçar a existência do capital. Seu conceito de dominação é tão completo que o dominado virtualmente desaparece como sujeito histórico ativo(p 55).

Faltava a esses autores uma perspectiva revolucionária, visto que todos eles viveram nos países desenvolvidos no período posterior a segunda guerra mundial e sabemos que este período foi marcado pela instauração do regime de acumulação intensivo-extensivo (Viana, 2009), denominado por alguns autores o Estado de bem estar social que se caracterizava por uma nova organização no setor produtivo e que intensificava a exploração nos países de capitalismo

subordinado, permitindo uma melhor condição de vida da classe operária nos países centrais, e esta relativa estabilidade durou até a década de 1960. A partir daí, este regime passa por várias crises, lutas, tentativas de recuperar a acumulação no interior do mesmo regime de acumulação. A partir de década de 1980, entramos no regime de acumulação integral que intensificou a exploração também nos países desenvolvidos, com a implantação de políticas neoliberais, que destruíram as bases da estabilidade do regime anterior. Logo, além da ilusão com a estabilidade existente, e da suposta integração da classe operária no período do regime intensivo-extensivo nos países desenvolvidos, faltou a esses intelectuais, incluindo Fromm, a perspectiva da utopia concreta, no sentido exposto por Ernst Bloch, sonhos que nos levam a transformar a realidade. O que digamos, é a essência do autêntico marxismo.

Diante de tudo que foi exposto, podemos dizer que o conceito de liberdade em Erich Fromm tem um conteúdo interessante e ainda válido, pois suas críticas às condições de vida tanto material quanto psíquica na sociedade capitalista ainda são de grande pertinência. Porém, devemos ter um olhar crítico, e partindo da perspectiva revolucionária, devemos estar atentos as ideologias ou racionalizações que estamos sujeitos a concordar, pois o conteúdo destas se revela aparentemente verdadeiro, tal como, o Estado de bem estar social, que muitos intelectuais de direita como, erradamente vislumbravam como uma eternização do capitalismo, com a superação das contradições, o que se revelou na prática mais uma de suas jogadas para continuar no poder. A obra de Fromm, derivada de sua concepção humanista abstrata, que não percebe que

o fundamental é lutar pela transformação social, e, por conseguinte, que só o fim do capitalismo pode permitir a plena realização da liberdade, continua relevante em suas críticas, devemos superar as suas limitações se realmente desejamos viver em uma sociedade que a liberdade, no sentido de “liberdade para” seja o princípio fundamental.

Referências

BLOCH, E. *Princípio Esperança*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2005.

CLEAVER, H. *Leitura Política de O Capital*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

EVANS, R. *Diálogo com Erich Fromm*. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.

FROMM, E. *Análise do Homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

----- *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970a.

----- *Conceito Marxista do Homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

----- *O Coração do Homem*. Rio de Janeiro,

Zahar, 1970b.

----- *Grandezas e Limitações do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

----- *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

Marcuse, H. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

Marx, K. *Manifesto Comunista*. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

----- *Manuscritos Econômicos-filosóficos*. São Paulo, Martin Claret, 2002.

----- *Ideologia Alemã*. São Paulo, Martin Claret, 2005.

VIANA, N. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. Aparecida SP, Ideias e Letras, 2009.

----- *A Consciência da História*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007a.

----- *O Fim do Marxismo*. São Paulo, Giz Editorial 2007b.

----- *O que são Partidos Políticos*. Goiânia, Edições Germinal, 2003.

----- *Universo Psíquico e Reprodução do Capital*. São Paulo, Escuta, 2008.